

# **ANÁLISE DA MINERAÇÃO DE DIAMANTE NO ALTO RIO TIBAGI, PR**

Guilherme Scheid (PIBIC/ CNPq/ UEPG), Antonio Liccardo (Orientador), e-mail:  
aliccardo@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Departamento GEOCIÊNCIAS.

## **Patrimônio geológico-mineiro e geodiversidade.**

**Palavras-chave:** Garimpo, Patrimônio Imaterial, Usina Hidrelétrica.

## **Resumo**

A história de mineração no Rio Tibagi e seus afluentes é uma das mais antigas do Brasil, a partir da primeira notícia de diamante encontrado fora de Minas Gerais, em 1754. Nesse período de 262 anos, devido à influência dessa atividade e dos altos e baixos dessa produção, a região sofreu fortes influências sociais, e essas especificidades foram determinantes para um desenvolvimento social particular em relação a outras áreas de mineração do Brasil. Nesse aspecto, em decorrência desses fatores, esse histórico constitui hoje um patrimônio cultural imaterial, que se nota em vários aspectos do cotidiano na comunidade. A existência do Museu do Garimpo, desde a década de 1980, contribuiu para a manutenção dessa cultura histórica e fortaleceu a identidade local. Devido a atual proibição da mineração, garimpeiros ainda persistem, clandestinamente, no trabalho ao longo dos rios, em escala artesanal, utilizando balsas, peneiras ou equipamentos de mergulho. A futura implantação da usina hidrelétrica Santa Branca deverá comprometer a possibilidade de garimpo, pondo fim a esta atividade na região e extinguindo a cultura de extração mineral.

## **Introdução**

A história da mineração no Brasil é permeada por fatos contundentes nas relações socioeconômicas (LICCARDO et. al., 2012). A única fonte conhecida de diamantes no mundo até 1700 eram os depósitos do reino de Golconda, na Índia. A descoberta deste mineral no Brasil, em 1714, elevou a colônia portuguesa a maior produtora mundial durante 150 anos. Segundo Brunet (2003 in LICCARDO et al.2012), na segunda metade do século XVIII, 70% dos diamantes em circulação no mundo provinham do Brasil. Nesse período, os principais atores da mineração eram escravos que foram a principal mão de obra na busca de ouro e diamante.

Em Diamantina (MG), escravos fugidos buscavam diamante em lugares distantes, conhecidos como “grimpas”, o que deu origem à expressão “garimpos”. Atualmente, ao contrário de mineração, garimpo é um tipo de extração não organizado, de caráter artesanal e frequentemente praticado clandestinamente. A região de Tibagi, no Estado do Paraná, é uma das mais antigas regiões diamantíferas conhecidas no Brasil. Eschwege (1979, in LICCARDO e CAVA 2006) citou o rio Tibagi como o mais rico da região, tendo sido a segunda descoberta, com registros de 1754, poucos anos depois de Diamantina em Minas Gerais, segundo Derby (1878), Mercer e Mercer (1934) e Chierregati (1989).

Sua origem geológica vem sem sendo objeto de especulação de pesquisadores há muito tempo, por serem depósitos aluvionares, mas a maior parte dos dados aponta o retalhamento das rochas de origem glacial como a principal fonte dispersora de diamantes na rede fluvial (CHIEREGATI 1989; MERCER, 1981; LICCARDO et al. 2012). Naturalistas e viajantes, como Saint-Hilaire (1978) e Bigg-Whiter (1974), por exemplo, que descreveram o Brasil no século XIX, já mencionavam a extração deste mineral na região. A dinâmica de

extração no rio Tibagi (e seus afluentes) se torna mais peculiar, considerando a sazonalidade em função do regime de chuvas, e pelos diamantes serem caracteristicamente menores.

Os diamantes achados não trouxeram riquezas imediatas, que em outros lugares gera o aumento da violência e problemas sociais (LICCARDO et. al., 2012). Devido a esses fatores seu ritmo de produção não sofreu fortes impactos e permitiu vínculos duradouros com outras atividades de subsistência, como a agricultura e pecuária.

## **Materiais e métodos**

O levantamento de dados sobre o garimpo e a extração de diamantes, fundamentou-se em uma pesquisa bibliográfica com caráter histórico, com referências clássicas e contemporâneas, identificando a importância desses fatores para o desenvolvimento econômico e cultural do município de Tibagi.

Saídas de campo, com enfoque no reconhecimento espacial da região, envolveram entrevistas registradas em vídeo com pessoas ligadas ao garimpo e história local também. Foram consultados documentários realizados pelo município, que contêm depoimentos de ex-garimpeiros, políticos e outros participantes nas disputas de poder, que estão disponíveis em DVDs locais e internet.

Uma importante fonte de dados foi o Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer e seus arquivos e registros históricos em Tibagi. A figura 1 aponta imagens históricas encontradas no museu, contextualizadas com objetos da época do auge do garimpo.

## **Resultados e Discussão**

A região de Tibagi é o lugar de articulação entre exploração mineral e muitos dos aspectos socioculturais encontrados atualmente, influenciados direta e/ou indiretamente por esta atividade, constituindo uma memória coletiva. O município tenta promover a disseminação dessa cultura e preservar seu patrimônio, valorizando a contribuição histórica na construção social, espacial e econômica dessa região.

Essa relação da sociedade com as práticas cotidianas coletivas passou a receber atenção e valorização, sendo consideradas como um patrimônio cultural. Segundo Monastirsky (2005), com a revisão do conceito de cultura, o patrimônio cultural passa a incluir hábitos, usos e costumes, crenças, formas de vida cotidiana da sociedade e sua memória. Nesse sentido esse patrimônio cultural estabelece a identificação dos seus significados no modo de vida local, pois, essa carga simbólica contida em cada patrimônio auxilia a entender o significado histórico-cultural. Arantes (1984, in Monstirsky 2005) salienta que o valor simbólico atribuído aos objetos decorre da importância que lhes atribui a memória coletiva.

A garimpagem em Tibagi persiste até os dias de hoje, com técnicas passadas de geração em geração (Figura 1), e pelos preceitos da UNESCO, esse contexto do diamante no Paraná compreende a expressão de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e transmitem a seus descendentes, o que permite o enquadramento como um patrimônio cultural intangível do Paraná.



Figura 1 – Garimpeiro solitário lavando o cascalho no rio Tibagi em busca de diamantes e ouro para a sobrevivência. Não é uma mineração organizada e apresenta impacto ambiental mínimo por usar técnica de lavagem (sem mercúrio ou qualquer agente poluente). Imagem Antonio Liccardo.

Podemos ressaltar a influência referente às migrações de baianos no início do século XX, trazendo novas técnicas de garimpo, como o escafandro de mergulho, e mesclando as diferentes culturas. Isto atualmente se reflete no folclore, na música e em manifestações populares da cidade de Tibagi, como por exemplo, o evento relacionado ao carnaval, que recebe turistas de todo Paraná. Funari e Pinsky (2003) ressaltam a importância dos eventos no contexto social, cultural, econômico e político da cidade e/ou região, e classificam-nos como agentes do patrimônio histórico-cultural, representando a memória viva da cidade.

Devido a uma suposta crise energética e às pressões desenvolvimentistas no Brasil nos últimos anos, o Paraná vem projetando múltiplas implantações de usinas hidrelétricas, entre elas a Usina Santa Branca no rio Tibagi, com previsão de instalação até 2021. A implantação dessa usina hidrelétrica aumentará drasticamente o nível d'água, inviabilizando a atividade garimpeira na região, semelhante ao que já ocorreu com a implantação da Usina Hidrelétrica de Mauá, no próprio rio Tibagi (em Telêmaco Borba). Essa inviabilização do garimpo nos próximos anos deve determinar o fim da atividade garimpeira de diamante no Paraná, constituindo uma perda do patrimônio cultural, em decisões que desconsideram a importância e manutenção desse patrimônio.

## **Conclusões**

O patrimônio torna-se incorporado pela sociedade quando, através de elementos que possuem significados para vida coletiva, a sua importância está diretamente relacionada à carga simbólica que ele representa e com o poder de pertencimento desses elementos (Monastirsky, 2005). A história de Tibagi está estreitamente ligada a essa carga simbólica que de fato exerceu papel fundamental no desenvolvimento da cultura de Tibagi. Toda essa carga simbólica ligada ao garimpo de diamante representa uma importante linha de compreensão e avaliação social, e merece ser valorizada.

A inclusão desse conteúdo no desenvolvimento turístico, como por exemplo, no caso do Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer, também chamado “Museu do Garimpo” e conhecido por ser um dos mais importantes acervos do Paraná, vem acontecendo com bons resultados, inclusive com reflexos na educação da população.

O patrimônio geológico e cultural e o patrimônio ligado à mineração desde 1754 não são considerados nos estudos de impactos, e os discursos desenvolvimentistas ligados à necessidade de geração de energia na região constituem uma ameaça à preservação deste tipo de memória e cultura. A história ligada à mineração de diamante constitui um patrimônio cultural do Paraná e merece ações que considerem sua manutenção e preservação.

## **Agradecimentos**

À Universidade Estadual de Ponta Grossa e ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por ter subsidiado esse projeto na forma de bolsa de iniciação científica. Ao orientador deste projeto Antonio Liccardo.

## **Referências**

Liccardo, A. & Mesquita, D. 2010. Extração de diamante no rio Tibagi (PR) em lavra experimental nos anos 1980. *In: 5º Simpósio Brasileiro de Geologia do Diamante, 5, Anais*, Curitiba, p. 27-29.

Mercer, E. & Mercer, L. 1934. História de Tibagi. Gráfica Linarth, Curitiba.

MERCER, L. L., 1981. Última aventura no garimpo. Separata de: Estante Paranista – Curitiba.

Monastirsky, L.B. 2005. Espaço Urbano: Memória Social e Patrimônio Cultural, *Revista Terra Plural*, Ponta Grossa, Ponta Grossa, 3(2):323-334.

Saint-Hilaire, A. 1978. *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*. Ed. Itatiaia, São Paulo.

Bigg-Whither, T.P. 1974. Novo Caminho no Brasil Meridional: a Província do Paraná (três anos em suas florestas e campos) - 1872-1875. Rio de Janeiro, J. Olympio.

Liccardo, A. & Cava L.T. 2006. Minas do Paraná. Imprensa Oficial. Curitiba: Sesquicentenário.

Derby, O. 1878. A Geologia da Região Diamantífera da Província do Paraná. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro.

Chierigati, L.A. 1989. *Aspectos mineralógicos, genéticos e econômicos das ocorrências diamantíferas da região NE do Paraná e sul de São Paulo*. Dissertação de Mestrado IG-USP.